Antonio Carlos Simões, Centro de Comunicação do Instituto de Pesca, www.pesca.sp.gov.br, abril de 2013   
  
“A PESCA AMADORA é definida como uma atividade de natureza não comercial, caracterizada como “hobby ou esporte”, cujo praticante não depende dela para sobreviver, sendo praticada como atividade lúdica ou recreativa. É muito popular e crescente no mundo todo, englobando praticantes de diferentes idades e importante para a recreação, a economia e a condição social em vários países, gerando emprego e renda nos vários elos da sua cadeia de negócios, e sendo responsável por aproximadamente 12% da produção mundial de pescado”, revela Jocemar Tomasino Mendonça, jmendonca@pesca.sp.gov.br, pesquisador científico do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento do Litoral Sul, sediado em Cananéia, do Centro do Pescado Marinho de Santos, do Instituto de Pesca (Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo).   
  
Nos Estados Unidos, por exemplo, os quase 40 milhões de pescadores esportivos gastam anualmente cerca de US$ 45 bilhões em equipamento, transporte, hospedagem e outras despesas associadas, causando um impacto econômico de aproximadamente US$ 125 bilhões e gerando cerca de um milhão de empregos, diz Jocemar.   
  
No Brasil há poucas informações disponíveis ou nem mesmo existem na maioria das regiões. Nas regiões Centro-oeste e Norte do país, a pesca amadora é um importante componente da economia. No Rio Negro, por exemplo, a atividade atrai anualmente entre 1.400 e 1.800 pescadores esportivos, contribuindo com cerca de US$ 5 milhões proveniente de despesas. Também há estimativas de que anualmente 17.000 pescadores amadores atuem no Mato Grosso do Sul.   
  
Em 2012, através de informações do Ministério da Pesca e Aquicultura, o número de licenças no Estado de São Paulo aproximou-se de 100 mil unidades; houve inclusive aumentos significativos nos últimos anos.   
  
Mas, segundo o pesquisador Jocemar Mendonça, mesmo sendo uma atividade importante e com bem poucos dados, constata-se que a pesca amadora também afeta o meio ambiente, gerando impactos que podem comprometer ecossistemas. Jocemar relaciona então os principais impactos observados:   
  
• Diminuição dos estoques de peixes   
• Alterações ambientais (aterro, desmatamento e barragem) geradas por obras de infraestrutura turística   
• Poluição de rios por esgotos domésticos e resíduos de embarcações   
• Destruição de áreas de manguezais e o consequente assoreamento de rios, que põe em risco a vida de pescadores etc., causada por abusos da circulação de embarcações motorizadas em estuários   
• Massificação do turismo de pesca   
• Aumento de preços no comércio local   
• Conflitos com a pesca tradicional   
  
Em suma, diz o pesquisador do Instituto de Pesca, a pesca amadora no Brasil apresenta grande potencial de desenvolvimento em diversas regiões, mas está longe de qualquer ordenamento que lhe dê sustentabilidade. “Um dos principais pontos para racionalizar a atividade é a obtenção de informações e seu monitoramento, de forma sistemática e contínua, similar ao que o Instituto de Pesca desenvolve para a pesca marinha no Estado de São Paulo. Este tipo de informação balizaria o fomento e o desenvolvimento sustentável da atividade, diminuindo os impactos existentes e desenvolvendo a atividade de forma racional em todas as regiões com potencial”, observa Jocemar.   
  
Para discutir a pesca amadora, a mesa-redonda “Pesca esportiva: experiências, desafios e perspectivas para o desenvolvimento sustentável da atividade”, composta pela dra. Solange Aparecida Arrolho da Silva (UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso), dr. Alberto Ferreira de Amorim (Instituto de Pesca), engenheiro Jairo Shigueo Naca (Secretário da ANEPE - Associação Nacional de Ecologia e Pesca Esportiva), economista Adalberto Francisco de Oliveira Filho (Federação Paulista de Pesca Esportiva Turística e Ambiental), MSc. Michel Lopes Machado (do Ministério da Pesca e Aquicultura) e pelo presidente da mesa, dr. Jocemar Tomasino Mendonça, integrou a “XI ReCIP (Reunião Científica do Instituto de Pesca)”, realizada de 8 a 10 de abril de 2013.   
  
Na oportunidade, os membros da mesa-redonda apresentaram um panorama da atividade nos aspectos da visão científica, dos usuários e do órgão gestor e de licenciamento, o que gerou articulações susceptíveis de novas ações para a melhoria da pesca amadora, como o desenvolvimento de projetos destinados a coletar mais informações e a subsidiar o ornamento dessa atividade, principalmente no Estado de São Paulo.   
  
Revisão do texto: Márcia Navarro Cipólli, navarro98@gmail.com